

MULTIMODALIDADE E MULTILETRAMENTO: O ENSINO/APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA COM O AUXÍLIO DAS NOVAS TECNOLOGIAS EMPREGADAS ATRAVÉS DE *SMARTPHONE*

Ronaldo Oliveira dos Santos¹

Gina Maria Imbroisi Teixeira²

INTRODUÇÃO

A temática deste estudo é ampliar a viabilidade de uso pedagógico de *smartphones* como suporte auxiliar para o ensino/aprendizagem da Língua Inglesa utilizando as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (doravante TDIC's) pelo viés dos multiletramentos. Este trabalho tem como objetivo geral analisar as possibilidades de uso dos multiletramentos empregando-se as TDIC's através de *smartphones*, como recurso/auxiliar no ensino/aprendizagem de Língua Inglesa tendo como público alvo as escolas públicas brasileiras.

Passamos a conviver de acordo com o grau de preparação individual, em uma contemporaneidade que propicia ampliação de aprendizados e metodologias diversas pelas ferramentas atuais, como no caso dos *smartphones* voltados para o conceito de multiletramentos. É viabilizando e ampliando cada vez mais o uso das TDIC em salas de aula que poderemos romper as barreiras criadas pelo medo do novo nos sujeitos da educação e assim preparar os sujeitos mencionados (professor e aluno) para uma real interação entre si e uma maior integração entre tecnologia e aproveitamento didático. Empregar as TDIC's resulta em redução de custos para implementação, pois a grande maioria dos alunos já possui o dispositivo que estatisticamente está na maioria dos lares brasileiros segundo o IBGE. Faltando suporte para tecnologia de banda larga sem a necessidade de distribuição de computadores para os alunos. Apropriar-se desse recurso aumentará o aproveitamento do aluno, pois todas essas abordagens trazem o emprego de materiais autênticos, mais atrativos e atuais, principalmente em conceitos como os multiletramentos que a prepara melhor o aluno para uma formação mais crítico-reflexiva e responsável.

¹ Graduando em Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Respectivas Literaturas, do Centro Universitário Jorge Amado – UNIJORGE. E-mail: rony.santos@gmail.com

² Graduada em Licenciatura em Letras Vernáculas com Inglês pela Universidade Católica do Salvador. Especialista em Consultoria em Educação para o trabalho - Especialista em tradução Inglês / Português - Português / Inglês - Pós-graduada em Mídias na Educação - Atualmente, é professora presencial de Língua Inglesa, Fonética e Fonologia em Língua Inglesa, Estágio em Língua Inglesa (Observação e Regência), Inglês Técnico, Produção escrita em LI e Gêneros Textuais no ensino de LI, Oficina de Leitura e Escrita em Língua Portuguesa do Centro Universitário Jorge Amado e professora do Curso de Letras EAD na mesma instituição das disciplinas Produção escrita em LI e Gêneros Textuais no ensino de LI.

O artigo divide-se em três partes: a primeira traz um breve relato histórico da origem e evolução da Internet através das versões da web 1.0 até 3.0 e das tecnologias envolvidas; na segunda parte: É estabelecida a relação entre as TDIC's e o ensino/aprendizagem de Língua Inglesa na educação brasileira, a luz das teorias e recentes estudos pesquisados e por último: aborda a importância da ampliação do conceito de letramento para multiletramentos, da multimodalidade e sua relação com as TDIC's e seus usos para a criação de um sujeito incluído em práticas sociais contemporâneas e multiculturais.

A proposta metodológica aplicada é a revisão da literatura, na qual selecionou-se publicações em meio a artigos, teses e dissertações na base de dados do Portal Capes, Plataforma *SciELO*, BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, *Google Acadêmico*, além de capítulos de livros, comunicações em eventos e Legislação relacionada à Educação Brasileira (PCN, 1998; OCEM.2006; LDBEN, 2017; BNCC, 2017). No mecanismo de busca foram utilizadas as seguintes palavras-chave: “Ensino de língua Inglesa, Tecnologias e Multiletramentos”. Foram encontrados 184 artigos que após a filtragem e exclusão dos trabalhos com mais de dez anos, dos que não eram relevantes ou que estavam em desarmonia com a proposta restaram 18, alguns autores foram revisitados como: O especialista em Tecnologia Pierre Lévy (1998) e Vilson J. Leffa (2006) que contribui com esse diálogo tratando sobre o impacto das TDIC's e O sociólogo espanhol Manuel Castles (2003) que traz informações acerca da origem e evolução das TDIC's do ponto de vista histórico. Busquei também os estudos mais recentes e relevantes sobre o assunto abordado para melhor esclarecimento e posterior discussão mais atualizada da temática deste artigo, e finalmente, dar uma resposta ao problema levantado: é possível encontrar, através da utilização das TDIC's empregadas através de *smartphones*, uma solução viável do ponto de vista dos multiletramentos, para melhorar o nível de aproveitamento didático no ensino/aprendizagem de Língua Inglesa?

Para mim ficou perceptível que alcançado o entendimento entre o professor de idioma e os alunos em questão, a experimentação adequada desse recurso poderia trazer uma gama de benefícios ao aprendizado, ensino, interatividade intercultural e social, e evidentemente, uma melhora satisfatória no rendimento e aprendizagem do grupo. sendo diversas as possibilidades de aplicação do recurso que vai desde a simples pesquisa em ou atravessando a seara das TDIC's – Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, aplicativos que vão desde jogos, dicionários, cursos virtuais, bancos, livros digitais, entre diversas outras ferramentas multimídias para as mais importantes plataformas da atualidade voltadas para os *smartphones*: o sistema operacional *Android* e o *IoS*. No tocante à relevância, este trabalho busca com certa

urgência, a quebra de paradigmas que envolvem o uso responsável, pedagógico e crítico-reflexivo destas TDIC's dentro e fora de salas de aula, elevando o aprendizado, a produtividade e inclusão sociocultural do docente, aproximando professores de alunos na criação de sujeitos cada vez mais conscientes de seu papel nesse mundo globalizado.

Desde as invenções mais antigas até a Era da Inteligência Artificial fomos guiados pelo conhecimento, utilizando desde os saberes mais simples ao pensamento mais complexo para resolução dos obstáculos que encontramos. A ferramenta mais antiga que de geração em geração tem sido afetada pela evolução tecnológica é a comunicação. E essa evolução não é uniforme, a linguagem através de gestos, sinais e signos, as pinturas rupestres e a escrita rudimentar eram ferramentas e veículos da informação, comunicação e transmissão do conhecimento humano. Hoje, transmitir conhecimento e educar se tornaram um conjunto de ideias filosóficas, teorias, postulados, metodologias, métodos e abordagens que são construídos, desconstruídos e reconstruídos a cada passo em direção ao futuro.

A construção da própria história humana evoluiu. O conhecimento que, antes somente era passado pela oralidade, foi se traduzindo entre erros e acertos, teorias e epistemes, e com a invenção da imprensa por Gutemberg em 1442, foi se aperfeiçoando. Nos dias atuais, com a globalização, a revolução tecnológica e a popularização do acesso à *Internet* houve significativos aumentos das interações, sejam elas entre homem e máquina quando tratamos da evolução tecnológica, das novas fronteiras geopolíticas e da influência da cibercultura, ou da importância de conectar em rede, visto as possibilidades nas relações interculturais e sociais. Conhecer o outro, se inserir em sua cultura e conhecer as práticas sociais necessárias para tal ampliaram as necessidades de se conectar na rede e descobrir novas possibilidades de ensino/aprendizagem de idiomas em toda sociedade globalizada.

1 A EVOLUÇÃO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS

Nos anos 1960 durante a guerra fria, os norte-americanos viviam um conflito com a antiga União Soviética e para se proteger de possíveis ataques, o Departamento de Defesa através da ARPA – *Advanced Research Projects Agency*, e com o objetivo de alcançar superioridade tecnológica militar, criou uma rede eletrônica de comunicação capaz de suportar até mesmo bombardeios nucleares. Conectando computadores em locais distantes com o intuito de interligar os militares aos mais importantes laboratórios de pesquisa do país, a plataforma foi projetada estrategicamente para compartilhamento, transmissão e segurança de dados sigilosos. Surgiu assim, o primeiro protótipo da *Internet*, a ARPANet (*Advanced Research*

Projects Agency Network). O sociólogo espanhol Manuel Castells (2003), traz um panorama mais detalhado sobre essa criação e diz que

A Arpanet não passava de um pequeno programa que surgiu de um dos departamentos da ARPA, o *Information Processing Techniques Office* (IPTO), fundado em 1962 com base numa unidade preexistente. O objetivo desse departamento, tal como definido por seu primeiro diretor, Joseph Licklider, um psicólogo transformado em cientista da computação no *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), era estimular a pesquisa em computação interativa. (CASTELLS, 2003, p 13-14).

A partir da abertura de campos de pesquisa em tecnologia da comunicação em redes, a ARPANET passou a ser reestruturada e ampliada para estabelecer uma interconexão entre computadores de Instituições Governamentais, Tecnológicas e Universidades, não sendo ainda possível a abertura para o público em geral. Pesquisas foram desenvolvendo tecnologias e protocolos que pudessem ser aplicadas a esse novo projeto, enquanto que na iniciativa privada, outros nomes desenvolviam protótipos de *hardware* e *software* cada vez mais voltados para computadores pessoais ainda em desenvolvimento enquanto

Na metade da década de setenta, uma pitoresca comunidade de jovens californianos à margem do sistema inventou o computador pessoal. Os membros mais ativos deste grupo tinham o projeto mais ou menos definido de instituir novas bases para a informática e, ao mesmo tempo, revolucionar a sociedade. De uma certa forma, este objetivo foi atingido. (LÉVY, 1998, p 26).

O computador pessoal ainda não estava ao alcance comercial da sociedade americana, segundo Castells (2001) a ARPANet foi dividida em dois seguimentos: um evoluiu para ARPANet-INTERNET que utilizava um padrão de protocolo NCP (*Network Control Protocol*) e passou a ser dedicado à pesquisa, e a outra a MILNET para usos especificamente militares, complementando que

Em 1983 o Departamento de Defesa, preocupado com possíveis brechas de segurança, resolveu criar a MILNET, uma rede independente para usos militares específicos. A Arpanet tornou-se ARPA-INTERNET, e foi dedicada à pesquisa. Em 1984, a *National Science Foundation* (NSF) montou sua própria rede de comunicações entre computadores, a NSFNET, e em 1988 começou a usar a ARPA-INTERNET como seu *backbone*. (CASTELLS, 2003, p. 14).

Após o marco zero de criação da *Internet*, várias pessoas contribuíram para projetar o computador pessoal, os protocolos mais utilizados como o NCP, FTP, TCP/IP, IMAP, além de sistemas operacionais, programas e aplicativos para interface e acesso à *Internet* quase nos moldes como a conhecemos. Nomes antes desconhecidos entraram para história da revolução tecnológica: Steve Jobs e Steve Wozniac, Bill Gates, Paul Allen e Linus Torvalds, Tim Berners-Lee e Marc Andreessen. Todos eles com seus projetos de *hardware* (*Altair*/*Apple I e II*/*Apple*

Macintosh), *software* SO (*Basic/MS-DOS/Linux*) e *browsers* (*World Wild Web Project/Mosaic* e *Netscape Navigator*), respectivamente. Lévy (1998) frisa que

Estudando o caso Apple, tal como foi descrito por Jeffrey Young [115], veremos que o computador pessoal foi sendo construído progressivamente, interface por interface, uma camada recobrando a outra, cada elemento suplementar dando um sentido novo aos que o precediam, permitindo conexões com outras redes cada vez mais extensas, introduzindo pouco a pouco agenciamentos inéditos de significação e uso, seguindo o próprio processo de construção de um hipertexto. (LÉVY, 1998, p. 27).

Assim com a evolução dessa tecnologia na década de 1990 e a criação de protocolos mais convencionais para a comunicação em redes, a Era Digital se abre através de interconecções mais extensas ao redor do mundo globalizado. A partir daí há uma mudança cultural proporcional na sociedade, que segundo Lévy (1998) implicações culturais eclodiram do desenvolvimento das tecnologias digitais de informação e comunicação e novos termos de grande importância surgiram: Internauta, Ciberespaço e Cibercultura, onde o Ciberespaço, que ele chama também de “rede”, “é o novo meio de comunicação a partir da interconexão mundial de computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo”. E a Cibercultura “diz respeito ao conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.” No Brasil, ainda houve uma demora considerável, além da falta da democratização dessa tecnologia, para que pudessemos nos integrar ao Ciberespaço. Paiva (2015), deixou claro que:

[...] a interação via BBS (*Bulletin Board System*), ainda funcionava de forma muito semelhante às máquinas de escrever. O acesso público só teve início em 1994, com as provedoras particulares, e, em 1997, chega a WWW nos moldes que conhecemos hoje. Surgiram novas formas de comunicação e os aprendizes de línguas estrangeiras puderam, pela primeira vez, ter acesso a páginas da *Internet* e interagir com falantes das línguas por meio de e-mail, listas de discussão e fóruns. Pela primeira vez, temos uma tecnologia que permite experiências linguísticas não artificiais e a língua pode ser entendida como comunicação. (PAIVA, 2015, p. 29).

Como exposto por Paiva (2015), houve uma demora para conseguirmos acesso de qualidade e velocidade fora do ambiente acadêmico. Somente com a chegada dos provedores de *Internet*, pudemos sair do uso do sistema de quadro de aviso (BBS) muito utilizado na época, mas que era comparado ao uso de uma máquina de escrever, obsoleta. Ainda assim, quando chegamos aos moldes que conhecemos o acesso ocorria de forma precária, mas estar conectado nos fóruns, enviar e-mails e ter discussões acirradas nos famosos *chats* de bate-papo, era

fantástico. Com relação a educação no Brasil em 1998, mesmo ainda em fase inicial e longe do processo de democratização da *Internet*, o Ministério da Educação já discutia o impacto dos novos recursos tecnológicos nas formas de interação social ao observar que

Cada vez mais a linguagem cultural inclui o uso de diversos recursos tecnológicos para produzir processos comunicativos, utilizando-se diferentes códigos de significação (novas maneiras de se expressar e de se relacionar). Além dos meios gráficos, inúmeros meios audiovisuais e multimídia disponibilizam dados e informações, permitindo novas formas de comunicação. (PCN, 1998).

Na virada do milênio e com o desenvolvimento tecnológico comunicacional trazido pela *Internet*, o comportamento social humano se modificou. Para Paiva (2015), chega a fase da *Web 2.0*, que começou com o surgimento e proliferação de grandes comunidades, fóruns para consulta e solução de problemas, sites de redes sociais (SRSs) e de relacionamento (*Orkut*, *Facebook*, *Instagram*) trazendo ao homem um empoderamento, deixando este de ser um agente passivo da informação e se tornando gerador de conteúdo com possibilidades de escrever e publicar sua própria história.

O compartilhamento das informações se tornou essencial, e gerar conteúdo multimídia se tornou o “boom” do momento, as pessoas estavam entusiasmadas com a perspectiva de expor suas vivências nas redes sociais, nos blogs e canais do *Youtube* ou fazendo *uploads* de músicas, vídeos e/ou fotografias. Quando evoluiu para a atual *Web 3.0* – também conhecida por *Web Semântica*, passa a ter uma utilização cada vez mais organizada e inteligente dos recursos oferecidos pela rede mundial. Agora, a *Internet* está na palma de nossas mãos, dispositivos como *tablets* e *smartphones* trazem recursos e reflexões para o melhor uso dessas tecnologias.

O que vimos até aqui foi uma breve explanação do nascimento e evolução da *Internet*, até seu estado atual, de um ponto de vista histórico e sociocultural, mas o futuro ainda irá nos trazer melhores versões do que vemos hoje da tecnologia digital. Espera-se que a próxima geração de uso da *web* seja uma evolução da *Internet* como a conhecemos para um imenso sistema operacional autômato que amplia o conceito de inteligência artificial e sim, a tecnologia de interface híbrida. No entanto, já é possível encontrar algumas funcionalidade e aplicações para sistemas automatizados nas indústrias, no setor de segurança, robótica e na construção civil. A Inteligência Artificial e a *Internet* das Coisas são exemplos dessa tecnologia.

Em 1984 era lançado o filme “*The Terminator*”, traduzido no Brasil como “O Exterminador do Futuro”, ficção científica que trazia o maior medo da sociedade na época: que uma inteligência artificial ligada ao sistema integrado de satélites de defesa e conectado à rede mundial de computadores, fosse capaz de subjugar a humanidade através do domínio das

máquinas. Hoje, no mercado industrial é possível encontrar um elevado quantitativo de equipamentos reconhecidos pela sua capacidade de realizar tarefas automatizadas sem a necessidade da intervenção direta do homem. Do reconhecimento facial empregado na simples segurança de seu *smartphone* ao piloto automático empregado no automobilismo, teremos cada vez mais exemplos da evolução da automação em determinados setores.

A tecnologia vai cada vez mais longe quando se fala em conforto e comodismo. Hoje, algumas coisas já não podem ser chamadas de ficção, podemos chegar em casa e, graças à automação presente em certas residências e edificações, “falar” com certos aparatos eletrônicos que eles compreendem prontamente o que é dito e executam o comando, seja através do bater de palmas ou simplesmente dizer certas palavras como “luzes, acender!”. Sistemas de climatização e ambiental, controle de volume entre outras comodidades já deixaram de ser apenas um conceito, mas com o acesso restrito a quem possui certo grau de poder aquisitivo a casa inteligente é um projeto real e alguns itens já fazem parte da lista de compra dos mais entusiastas.

3 AS TDIC’S NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

No final do século vinte, para se ter acesso às aulas de Língua Inglesa nas escolas públicas, era necessário que esta possuísse um local adequado ao aluno, que este tivesse acesso aos computadores ou laboratórios de informática, professores com capacitação necessária para utilização dos novos recursos multimídia e do equipamento em condições de utilização. Essa transformação aconteceu após amplas discussões, debates e políticas públicas que fossem favoráveis e que recursos fossem investidos na educação. Nos dias atuais, com a globalização e o desenvolvimento acelerado, as metodologias aplicadas para o ensino/aprendizagem de Língua Inglesa sofreram modificações, e para Muller, Ramos e Grégis (2016), significa que ter os recursos que a *Internet* oferece literalmente na palma da mão pelo uso de *tablets*, *smartphones* e *Ipads* é ser privilegiado pela oportunidade de acesso ultrarrápido à cultura e a materiais autênticos do idioma estudado, a falar em tempo real com nativos através de *Skype* (VoiP) ou videoconferência, em qualquer lugar e com isso,

Os aprendizes podem ter acesso às diversas manifestações culturais dos países e a seus costumes, sendo possível também praticar a língua com seus falantes nativos, através de sites, de tradutores online, redes sociais. Também há aplicativos que podem auxiliar os professores a tornarem as aulas mais dinâmicas e significativas. Um exemplo disso é quando os alunos têm dificuldade em entender uma palavra e podem, de forma autônoma, pesquisar seu significado em um tradutor ou dicionário online para continuar a tarefa, não dependendo somente do professor como transmissor de

conhecimento. Dessa forma, o aluno tem um papel mais ativo em sua aprendizagem e o professor é um mediador. (MULLER; RAMOS e GRÉGIS, 2016, p. 294).

Esse pensamento trouxe novas reflexões político-pedagógicas e técnicas acerca das possibilidades de inserção na cultura na era da globalização e da maior imersão através das TDIC's. Preocupações sobre o conteúdo adequado ao aluno e para que seria necessário a aprendizagem de Língua Inglesa na atualidade, como o professor deveria mediar a dinâmica ensino/aprendizagem e se ele estava tecnicamente habilitado para tal, visto as grandes dificuldades pelas quais passa um docente para se adequar ao processo de constante evolução tecnológica e digital na Educação.

A partir desse movimento de reflexões a Educação Brasileira retorna ao centro de novas discussões e mobilizações pela publicação de uma nova Base Nacional Comum Curricular, na qual trouxe também mudanças significativas para o contexto do ensino/aprendizagem de Língua Inglesa em sala de aula e a utilização das TDIC's. Segundo as palavras de Mendonça Filho, Ministro da Educação na época, a BNCC é um “documento plural e contemporâneo que estabelece com clareza as aprendizagens essenciais e indispensáveis a que todos os estudantes, crianças, jovens e adultos, têm direito” ao longo da educação básica. São dez competências gerais basilares da BNCC nas quais é possível interpretar vários recortes do que trata o ensino/aprendizagem de Língua Inglesa além dos aspectos culturais e tecnológicos associados. São encontradas possíveis leituras e interpretações permeando trechos diversos das competências gerais, em pequenos recortes como em: “cultural e digital”, “Utilizar diferentes linguagens”; ou maiores como “Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.”; “Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais”. E na quinta competência diz explicitamente que

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BNCC, 2017, p.9).

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 16 de fevereiro de 2017 e anterior a homologação das propostas contidas na BNCC (2017), já anunciava transformar a disciplina Língua Inglesa em obrigatória para o Ensino Fundamental e Médio, deixando com a Base a construção necessária para a construção dos currículos. A Base passa a reafirmar a Língua Inglesa com o status de língua franca e globalizada. Há uma desterritorialização da

Língua Inglesa quebrando o aspecto de hegemonia linguística e a transformando em língua dos falantes no mundo, com respeito à diversidade e identidade cultural independente de seu país de origem. A Base explora Eixos que ultrapassam as produções feitas pelos PCN na década de 1998-2000, desenvolvendo as habilidades e as competências dentro dos Eixos da Escrita, Leitura, Oralidade, Aspectos Linguísticos e o Eixo Interculturalidade.

Atualmente, o Governo Federal tem buscado ofertar educação continuada aos docentes e acesso à tecnologia às escolas brasileiras, mas ainda assim, o país carece de gestão e gerenciamento eficiente, eficaz e transparente do investimento real para estruturar e conservar as escolas, além de democratizar o acesso à tecnologia. Além disso, o Programa Nacional de Educação – PNE, com 80% das metas estagnadas, vem sofrendo cortes por conta do contingenciamento de 5.8 bilhões de reais e nesse ritmo não deve cumprir as metas, segundo o MEC (G1, 2019).

Muitas foram as tecnologias que permearam a comunicação, informação e o ensino/aprendizagem de línguas no mundo, em especial a língua inglesa (PAIVA, 2015) e segundo Rapaport (2012) quando falamos em informação e comunicação, devemos considerar que

[...] outros meios passaram a ser aplicados no ensino e, especificamente no nosso caso, ao ensino e a aprendizagem de línguas. São eles: Lousa, desenhos, diagramas, filipetas (tiras de papel), material impresso (folhas mimeografadas, folhetos, livretos, livros, revistas), imagens, (fotos, gravuras, slides, retroprojeções), gravações em áudio, gravação em vidro, filme, televisão, laboratório de línguas, programas em CD-ROM, computador, *Internet*, CD's, DVD's, a comunicação digital (MSN, Skype, VoIP, iPod, MP3, MP4) e ensino a distância (desde a época do material enviado por correios, cursos técnicos do Instituto Universal Brasileiro - desde 1941 -, até as transmissões via satélite). (RAPAPORT, 2012, p.105).

Como citado acima, o caminho percorrido desde a escrita à Era Digital, trouxe e continua a trazer, constantes descobertas e inovações capazes de inserir ainda mais mudanças a essa maré tecnológica. E quando entramos na era digital, a primeira ferramenta multitarefas capaz de processar rapidamente várias informações, consultar ou transmitir dados, navegar na *Internet*, disponibilizada e direcionada ao auxílio do ensino/aprendizagem é o computador. Esse instrumento deu origem a *CALL* – Aprendizagem de Línguas Mediada por Computador, uma área que segundo Leffa (2006), investiga o impacto do computador no processo de ensino/aprendizagem de línguas e intencionalmente traduz o termo em inglês “*Assisted* - Assistida” para “*Mediada*” por entender que “reflete uma tendência da área, mesmo em inglês, de ver o computador mais como um instrumento de mediação do que como um assistente de ensino” (HIGGINS e JOHNS, 1984; WARSHAUER, 1996; LÉVY, 1997; CHAPELLE, 2005 Apud LEFFA, 2006, p. 14).

A *CALL* começou nos anos 1960 com o projeto PLATO – *Programmed Logic for Automatic Teaching Operations*, em laboratórios de idiomas de universidades americanas para que os alunos tivessem um contato mais autêntico e, após permear ao longo do tempo diversas abordagens/métodos de ensino/aprendizagem de idiomas, em especial a língua inglesa, passa a ser amplamente utilizada mundo afora. Perdurou por três fases chamadas de behaviorista, comunicativa e integrativa (SANTOS, BEATO e ARAGÃO, 2010; ANDRADE, 2017). Essa proposta ainda funcional sofreu evolução, e por conta das questões de mobilidade e portabilidade que para Andrade (2017),

No âmbito da educação, a combinação entre pessoas em deslocamento e dispositivos móveis com alta capacidade tecnológica, representam um cenário de novas oportunidades de aprendizagem. Para serem melhor exploradas, no entanto, é preciso pensar em novas formas de propor o ensino. (ANDRADE, 2017, p. 82).

Assim, evoluiu para a *MALL* – Aprendizagem de Línguas Assistidas por Dispositivos Móveis – ALADIM, passou a ser utilizada em aparelhos menores e mais modernos como *palmtops, smartphones, tablets, notebooks, iPods* e demais dispositivos que “[...] apontam para uma nova gama de ferramentas e novas possibilidades de uso para a educação linguística.” (ANDRADE, 2017, p. 81). Possuem sistema operacional próprio (GONÇALVES e SILVA, 2014: p.51) que envolve tecnologia *wireless* e novos recursos chamados aplicativos. Andrade (2017) segue avaliando a

possibilidade de levar um pequeno aparelho com softwares sofisticados de edição de texto e imagem, geolocalizador, conexão com *Internet* sem fio, armazenamento e reprodução de um grande volume de dados em texto, imagem, som e — além de tudo — comunicar-nos por mensagens de texto ou por chamadas telefônicas, fez com que aparelhos celulares tipo *smartphone* assumissem um papel importante na vida contemporânea de jovens e adultos. (ANDRADE, 2017, p. 82).

Seu uso é tão relevante, que no Brasil, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (BRASIL, 2017), colhidos entre 2016 e 2017, cerca de 52,7 milhões de domicílios do país que acessavam à *Internet*, o *smartphone* em particular, é o responsável por 78,5% dos acessos por banda larga móvel. Gonçalves, Silva (2014), investigando o uso de *APPs* voltados para a Educação, afirma que

Para a área educativa o número de *APPs* ainda é relativamente pequeno quando comparado a *APPs* de outras áreas como a de jogos por exemplo. Mas é notável já o interesse de desenvolvedores desses aplicativos pela área da educação. Com isso vem ganhando espaço nos campos de estudos dos métodos de aprendizagem o *M-Learning*, de *mobile learning*, ou aprendizagem móvel, ou seja, a aprendizagem mediada por

dispositivos móveis, que compreende um desdobramento das modalidades da Educação à distância. (GONÇALVES e SILVA, 2014, p.51).

Assim, surgiram alguns novos subconjuntos dessa modalidade de ensino/aprendizagem de língua inglesa feitas por dispositivos móveis sem fio, mas que para a maioria acaba causando uma enorme confusão: são eles: o *e-Learning – eletronic Learning*, o *m-Learning – mobile Learning*, o *b-Learning – blended Learning* e o *u-Learning – ubiquitous Learning*, variantes nascidas do Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA, gênero EAD – Educação à Distância, da qual se utilizam de conteúdo eletrônico *online/offline* variado, que podem ser acessados por aplicativos, páginas da *web* e têm diferentes tipos de gestão de curso podendo ser de forma auto instrucional e gamificado. O estado da Bahia por exemplo, possui um programa que se já se baseia nas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação Móveis Sem Fio – TIMS, em parceria com o *Google*, iniciado em 2017 e lançado em 2018 chamado e-Nova Educação, visa levar as tecnologias digitais para as salas de aula das escolas públicas de 11 municípios, em 20 escolas de diferentes modalidades (SEC/BA, 2018). Aos educadores segundo o site institucional da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, “foi disponibilizado, a partir do dia 20 de fevereiro de 2018, o curso online "Uso Pedagógico das Tecnologias Educacionais", uma parceria do Instituto Paramitas, UFBA e SEC,” onde fizeram uma capacitação com certificado, utilizando a plataforma AVA da UFBA (*Moodle – Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment*).

Uma das consequências do surgimento da *Internet* é proporcionar um acesso constante às ferramentas e recursos tecnológicos que atendem à informação, comunicação e pesquisa, interligando mundialmente pessoas e Instituições, a uma velocidade impressionante. Essa revolução digital trouxe inovações em diversas formas de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), na qual direcionadas a área educacional, mais especificamente no ensino/aprendizagem de Língua Inglesa, traz aprimoramentos para atender às transformações ocorridas na sociedade globalizada.

No Brasil, a partir de 2006, o Ministério da Educação, no intuito de suprir as lacunas deixadas pelos PCN, PCN+ e PCNEM, publicou propostas relacionadas à Educação Brasileira em suas Orientações Curriculares Para O Ensino Médio, nas quais fazem parte

Retomar a reflexão sobre a função educacional do ensino de Línguas Estrangeiras no ensino médio e ressaltar a importância dessas; reafirmar a relevância da noção de cidadania e discutir a prática dessa noção no ensino de Línguas Estrangeiras; discutir o problema da exclusão no ensino em face de valores “globalizantes” e o sentimento de inclusão frequentemente aliado ao conhecimento de Línguas Estrangeiras; introduzir as teorias sobre a linguagem e as novas tecnologias (letramentos,

multiletramentos, multimodalidade, hipertexto) e dar sugestões sobre a prática do ensino de Línguas Estrangeiras por meio dessas. (OCEM, 2006)

Ademais, mais discussões foram enriquecendo o debate sobre as metas para o ensino/aprendizagem de Língua Inglesa nas escolas, que em tese teria o uso das TDIC alinhados aos letramentos, multiletramentos, multimodalidades e a uma pedagogia, podendo minimizar as propostas dos PCN anteriores, que além de serem consideradas muito teóricas eram consideradas herméticas e fora da realidade do professor. Não obstante, após quase duas décadas e mais discussões, Chagas (2013), atento às demandas para o aprendizado do inglês observou que

A utilização de novas tecnologias no ensino de línguas, de um modo geral, tem repercutido nos mais variados setores educacionais. Nesse contexto, professores e pesquisadores investigam meios de conciliar tecnologia e ensino, de forma a torná-la parte dos recursos pedagógicos utilizados em sala de aula. (CHAGAS, 2013)

Visualizando as necessidades de se promover práticas sociais mais contextualizadas no aprendizado do inglês, e o emprego pedagógico das TDIC's possibilitam novos meios de interação e produção de sentidos baseados nos multiletramentos, nas práticas pedagógicas contextualizadas e em situações de uso real da língua. O aprendiz deve-se inserir nessas práticas sociais da linguagem para o aprendizado de idiomas e o professor necessita sempre estar atualizado para agregar o ensino com os recursos tecnológicos existentes. Para Mesquita (2018, p. 40-41), “O avanço das TDIC e das TIMS possibilita todos os formatos de comunicação e potencializa a interação social. Também, consolidou o conceito e a importância da interação social para a aprendizagem.” A autora enfoca que essa potencialização só é possível, mediante “mudanças de atitude de todos os envolvidos no processo de ensino: gestão, professores, alunos e, inclusive, exige mudanças na estrutura escolar.” (2018, p. 41). acontece

Muitos aplicativos, após o “boom” dessa tecnologia, foram lançados com o objetivo de levar o ensino/aprendizagem de língua inglesa para acesso por meio das TDC's. Alguns foram objeto de estudo e análise (GONÇALVES e SILVA, 2014; ANDRADE, 2017; ARAGÃO e LEMOS, 2017; MESQUITA, 2018) sobre as teorias da aprendizagem em que estão estruturados e o resultado dessas pesquisas apontaram bases sociointeracionistas, estruturalistas, behavioristas e comunicativas em sua maioria, diferenciados pelo método de aprendizagem empregado (método de tradução gramatical, método audiolingual, abordagem comunicativa, abordagem lexical), interface, grau de Inteligência Artificial empregada, recursos multisemióticos e multimodais adicionais encontrados.

4 MULTILETRAMENTOS: AS FERRAMENTAS MULTIMODAIS NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

A multimodalidade é a relação de uso entre os vários modos de linguagens, mídias e tecnologias contidas em determinado veículo comunicacional, é a diversidade semiótica encontrada em um produto ou evento que podem estar combinados em diferentes tipos. São ferramentas que cotidianamente utilizamos para demonstrar diversos formatos com significados distintos, sejam eles identificados através de imagem, vídeo, áudio, escritos, gestuais ou táteis. A BNCC, através de outros contextos das práticas sociais de uso oral, postula

à ampliação da visão de letramento, ou melhor, dos multiletramentos, concebida também nas práticas sociais do mundo digital – no qual saber a língua inglesa potencializa as possibilidades de participação e circulação – que aproximam e entrelaçam diferentes semioses e linguagens (verbal, visual, corporal, audiovisual), em um contínuo processo de significação contextualizado, dialógico e ideológico. Concebendo a língua como construção social, o sujeito “interpreta”, “reinventa” os sentidos de modo situado, criando novas formas de identificar e expressar ideias, sentimentos e valores. (BNCC, 2017)

E é com a utilização dos recursos tecnológicos disponíveis em qualquer *smartphone* que é possível demonstrar com facilidade o uso dessas ferramentas para o ensino/aprendizagem de Língua Inglesa. É possível construir um vasto rol de possibilidades multimodais, seja com um simples texto virtual com imagens ou *links* inseridos encaminhando para determinada resposta ou mesmo um vídeo trazendo um fato político atual para discussão em sala. Solicitar ao “*Google*” informações sobre qualquer assunto e não estou falando de uma pesquisa na barra de busca, mas sim que o usuário “fale” com o dispositivo e o equipamento eletrônico responda oralmente sobre o resultado encontrado. Além disso, há uma gama enorme de vídeos, músicas (videoclipes ou MP3), imagens estáticas, aplicativos de jogos, mensagens multimídia (*whatsapp, telegran*) e de aprendizado de idiomas (*Duolingo, Drops, Ewa*) acessíveis na *Play Store* ou *App Store*.

O conceito de multiletramento surge na década de 1996, após a publicação de um manifesto chamado: *A Pedagogy of Multiliteracies - Designing Social Futures* – Uma Pedagogia de Multiletramentos - Desenhando Futuros Sociais, após discussões feitas por um grupo de pesquisadores, educadores e visionários chamados *New London Group* – NLG, que preocupados com o crescimento das complexidades multiculturais, linguísticas e de identidade cultural, propõe uma pedagogia que traz novas formas de leituras multimodais e multisemióticas, com base na criticidade, produção de sentidos e no reconhecimento identitário e étnico que em parte envolve o uso das TDIC's (ROJO, 2013, p 8).

Partindo desse ponto de vista, Shirlene Bemfica de Oliveira, professora de Língua Inglesa do Instituto Federal Minas Gerais - Campus Ouro Preto, relata seu encontro virtual chamado “UNILA: Ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras sob a perspectiva dos multiletramentos”, em seu canal do *Youtube*, falando sobre a interpretação linguística, questões como a multiculturalidade, a atitude crítico-reflexiva, além do desenvolvimento das quatro habilidades de aprendizado de Inglês: *reading* (ler), *writing* (escrever), *listening* (ouvir) e *speaking* (falar), e parafraseando em um trecho sobre a ampliação do conceito de letramento no artigo do grupo The New London Group, diz que

[...] Com a mudança de nossa vida social, pública e profissional, as relações tem mudado consideravelmente. E essas mudanças também transformaram a nossa cultura e as formas de comunicação, então o modo de entender, de explicar os letramentos também deveriam sofrer mudanças e alterações. O conceito de multiletramentos propõe mudanças significativas, importantes e inter-relacionadas. [...] (OLIVEIRA, 2017).

Discorrendo ainda sobre a influência das TDIC's, que remodelam a forma como interagimos com o mundo e com o outro, compartilhando informações e buscando um posicionamento crítico-reflexivo. Nesse sentido a proposta da BNCC, no Eixo Oralidade ainda é reafirmado que

O trabalho com gêneros verbais e híbridos, potencializados principalmente pelos meios digitais, possibilita vivenciar, de maneira significativa e situada, diferentes modos de leitura (ler para ter uma ideia geral do texto, buscar informações específicas, compreender detalhes etc.), bem como diferentes objetivos de leitura (ler para pesquisar, para revisar a própria escrita, em voz alta para expor ideias e argumentos, para agir no mundo, posicionando-se de forma crítica, entre outras). (BNCC, 2017).

Desse modo, a visão dos multiletramentos descrita na Base acontece através da interação com as novas ferramentas tecnológicas e multimodais que estão intimamente ligadas as práticas sociais da linguagem, da integração e inclusão sociocultural e da construção reflexiva de atitudes.

Várias são as possibilidades de uso dessas tecnologias digitais em associação aos multiletramentos, sendo possível trabalhar com *Podcasts*, vídeos, imagens, redes sociais (*WhatsApp*, *Facebook*, *Instagram*), animes ou HQ digitais, jogos interativos, sites e aplicativos diversos encontrados facilmente na *Play store* ou *Apple store*, dependendo do sistema operacional do dispositivo: *IOS* ou *Android*. É possível utilizar gêneros textuais, teatrais, transmissão ao vivo, orais ou visuais diversos, em suporte digital. O acesso à Língua Inglesa

através desses recursos multimodais possibilita um contato mais autêntico com o idioma e com materiais de grande qualidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após discussões ampliando esse novo panorama, grandes reflexões vêm à tona buscando uma visão mais contemporânea de como empregar e mediar pedagogicamente esses novos recursos. Os autores analisados vão discorrendo sobre suas reflexões corroborando e evidenciando que o uso é parte de uma mudança significativa no contexto sociocultural e histórico da evolução das tecnologias digitais de comunicação e informação. Destarte, A rapidez em que esses recursos evoluem, é avassaladora, provavelmente devido ao fenômeno da globalização, e com isso, proponho maiores estudos sobre essa temática.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Izabel Rego de. **Aprendizagem de língua assistida por dispositivos móveis (ALADIM): uma proposta alternativa para o ensino da língua espanhola**. 2017. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas. 2017. 351 p. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/325058>>. Acesso em: 09 maio 2019.

ARAGÃO, Rodrigo C. LEMOS, Laís. WhatsApp e multiletramentos na aprendizagem de inglês no Ensino Médio. *Polifonia*. Cuiabá, v. 24, n. 35/1, p. 73-94, jan-jun. 2017. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/6034>>. Acesso em: 21 abril 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1998.

_____. Ministério da Educação. **Orientações curriculares para o ensino médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias - volume 1**. Brasília: Ministério da Educação, 2006. 239 p.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 04 abril 2019.

_____. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília. 2017. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm#art2>. Acesso em: 05 maio 2019.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **PNAD Contínua TIC 2017: Internet chega a três em cada quatro domicílios do país**. Estatísticas Sociais. Quarto trimestre. 2017.

Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23445-pnad-continua-tic-2017-internet-chega-a-tres-em-cada-quatro-domicilios-do-pais>>. Acesso em: 24 maio 2019.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia Internet**: Reflexões sobre *Internet*, Negócios e Sociedade. Editora Zahar. Rio de Janeiro. 2003. 244 p. Tradução: Maria Luíza Xavier de Almeida Borges.

CHAGAS, Lucas Araújo. O Uso de Ferramentas da *Internet* no Ensino de Língua Inglesa e Seus Reflexos na Inclusão Social de Alunos de Escolas Públicas. In: **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**. Belo Horizonte. v. 6. n. 1. p.63-75. 4 ago 2013. Semestral.

Disponível em:

<<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/4195/7238>>. Acesso em: 20 abril 2019.

GONÇALVES, Jessica de Azevedo; SILVA, Valdir. Inglês na Palma da Mão: Possibilidades de Aprendizagem Através dos Dispositivos Móveis Conectados à *Internet*. **Revista de Estudos Acadêmicos de Letra**. UNEMAT Editora. Cáceres, v. 7, n. 1, p.49-57, ago. 2014. Disponível em: < <https://periodicos.unemat.br/index.php/reacl/issue/viewIssue/28/65> >. Acesso em: 11 abril 2019.

Governo do Estado da Bahia. ASCOM/SEC. Institucional. Notícias. **Governo do Estado lança projeto e-Nova Educação em parceria com o Google**. 2018. Disponível em: < <http://institucional.educacao.ba.gov.br/noticias/governo-do-estado-lanca-projeto-e-nova-educacao-em-parceria-com-o-google> >. Acesso em: 18 maio 2019.

LEFFA, V. J. A aprendizagem de línguas mediada por computador. In: Vilson J. Leffa. (Org.). **Pesquisa em linguística Aplicada: temas e métodos**. Pelotas: Educat, 2006, p. 11-36.

LÉVY, Pierre. **AS TECNOLOGIAS DA INTELIGÊNCIA**: O Futuro do Pensamento na Era da Informática. São Paulo: Editora 34, 1998. Tradução: Carlos Irineu da Costa. Disponível em: <<https://www.scribd.com/doc/17394163/As-Tecnologias-da-Inteligencia>>. Acesso em: 14 maio 2019.

MESQUITA, Sandra Valéria Dalbello de. **Aprendizagem De Língua Inglesa Mediada por Tecnologia: Aplicativos para Dispositivos Móveis**. 2018. 92 f. Dissertação (Mestrado em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias), Universidade Norte do Paraná, Londrina, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.pgsskroton.com.br/handle/123456789/808>>. Acesso em: 22 maio 2019.

MULLER, Carolina; RAMOS, Juliana Marschal; GRÉGIS, Rosi Ana. O USO DA INTERNET NA APRENDIZAGEM DE INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA. **Revista Entrelinhas**: Revista do Curso de Letras, São Leopoldo. v. 10, n. 2, p. 292-307. 2016. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/entrelinhas/article/view/12077/5640>> Acesso em: 14 abril 2019.

OLIVEIRA, Elida. Plano Nacional de Educação está com 80% das metas estagnadas, diz estudo: Levantamento aponta que, se o contingenciamento dos recursos do MEC continuar,

todas as metas do plano poderão ser afetadas. **G1. EDUCAÇÃO.** 27 maio 2019. Disponível em: < <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/05/27/plano-nacional-de-educacao-esta-com-80percent-das-metas-estagnadas-diz-estudo.ghtml> >. Acesso em: 27 maio 2019.

OLIVEIRA, Shirlene Bemfica de. UNILA: Ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras sob a perspectiva dos multiletramentos. **Youtube.** 25:47. 04 setembro 2017. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=YQUE2omf6rs> >. Acesso em: 15 maio 2019.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. O uso da tecnologia no ensino de línguas estrangeiras: breve retrospectiva histórica. In: JESUS, Dánie Marcelo de; MACIEL, Ruberval Franco (Orgs.) **Olhares sobre tecnologias digitais: linguagens, ensino, formação e prática docente.** Coleção: Novas Perspectivas em Linguística Aplicada Vol. 44. Campinas. SP. Pontes Editores. 2015. p.21-34. Disponível em: <<http://www.veramenezes.com/publicacoes.html>> Acesso em: 11 abril 2019.

RAPAPORT, Ruth. **Comunicação e Tecnologia no ensino de Línguas.** Curitiba. Intersaberes, 2012. 8 v. 166p.

ROJO. Roxane. Entrevista. Outras maneiras de ler o mundo. In: FUNDAÇÃO TELEFÔNICA (Brasil). **Educação no Século XXI: Multiletramentos.** São Paulo. 2013. Disponível em: <<http://fundacaotelefonica.org.br/acervo/cadernos-aft-multiletramentos/>>. Acesso em: 27 março 2019

SANTOS, Tássia Ferreira; BEATO, Zelina; ARAGÃO, Rodrigo. AS TICS E O ENSINO DE LÍNGUAS. III SEPEXLE. ILHÉUS.2010. Disponível em: < <http://www.uesc.br/eventos/sepexle/anais/10.pdf> >. Acesso em: 04 abril 2019.